

## **DIMENSÕES EDUCATIVAS E PSICOSSOCIAIS DA PARTICIPAÇÃO COOPERATIVISTA: TRAJETÓRIA LABORAL DE EX-COOPERADAS**

**Sandra Mara Mattos** (UNICENTRO) - matuisks@gmail.com

**Maria de Fatima Freitas** (Instituição - a informar) - fquintal@terra.com.br

**Juliane Sachser Angnes** (UNICENTRO) - julianeangnes@gmail.com

**Zoraide Costa** (Unicentro) - costa.zo@hotmail.com

**Marcel Luciano Klozovski** (UEM/UNICENTRO) - marcelklozovski@gmail.com

### **Resumo:**

*A Economia Solidária constitui-se a partir de década de 1980 e se fortalece na década de 1990, configurando-se como alternativa para a geração de trabalho e renda diferenciada da capitalista. É dentro deste contexto da busca por uma alternativa de trabalho que foi constituída a COCBIX – Cooperativa de Costureiras do Bairro Industrial do Xarquinho, estabelecida em Guarapuava, Paraná, e constituída em 2010, por 23 mulheres, como meio de ocupação e renda. O objetivo geral é investigar a trajetória laboral e de vida de mulheres que fizeram parte da COCBIX. A metodologia desta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e de campo com entrevistas semiestruturadas. Foram abordados dois princípios do cooperativismo: educação, formação e informação, e interesse pela comunidade. Percebe-se pelas respostas das entrevistadas que a Cooperativa foi importante para elas no sentido do aprendizado, do conhecimento, do compartilhamento e da união, mas que tudo isso não foi suficiente para a manutenção da Cooperativa. Vários foram os fatores que determinaram o encerramento da COCBIX, dentre eles a inexperiência administrativa, a maior transparência entre as envolvidas, a incubação do projeto, uma equipe multidisciplinar do projeto e, talvez o mais importante, a falta de emancipação econômica-política e autonomia para as cooperadas.*

**Palavras-chave:** cooperativismo, economia solidária, trabalho, educação, união

**Área temática:** GT-18 Trabalho Autogestionário, Economia Popular Solidária e Educação: Processos Organizacionais e Protagonismos, em busca de Cidadania e Reconhecimento

# **DIMENSÕES EDUCATIVAS E PSICOSSOCIAIS DA PARTICIPAÇÃO COOPERATIVISTA: TRAJETÓRIA LABORAL DE EX-COOPERADAS**

**Sandra Mara Matuisk Mattos<sup>1</sup>**

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)  
Departamento de Ciências Econômicas  
[matuisks@gmail.com](mailto:matuisks@gmail.com)

**Maria de Fátima Quintal de Freitas**

Universidade Federal do Paraná  
Departamento de Educação  
[fquintal@terra.com.br](mailto:fquintal@terra.com.br)

**Juliane Sachser Angnes**

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)  
Departamento de Secretariado Executivo  
[julianeangnes@gmail.com](mailto:julianeangnes@gmail.com)

**Zoraide da Fonseca Costa**

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)  
Departamento de Ciências Econômicas  
[costa.zo@hotmail.com](mailto:costa.zo@hotmail.com)

**Marcel Luciano Klozovski**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)  
Departamento de Administração  
[marcelklozovski@gmail.com](mailto:marcelklozovski@gmail.com)

## **Resumo**

A Economia Solidária constitui-se a partir de década de 1980 e se fortalece na década de 1990, configurando-se como alternativa para a geração de trabalho e renda diferenciada da capitalista. É dentro deste contexto da busca por uma alternativa de trabalho que foi constituída a COCBIX – Cooperativa de Costureiras do Bairro Industrial do Xarquinho, estabelecida em Guarapuava, Paraná, e constituída em 2010, por 23 mulheres, como meio de ocupação e renda. O objetivo geral é investigar a trajetória laboral e de vida de mulheres que fizeram parte da COCBIX. A metodologia desta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e de campo com entrevistas semiestruturadas. Foram abordados dois princípios do cooperativismo: educação, formação e informação, e interesse pela comunidade. Percebe-se pelas respostas das entrevistadas que a Cooperativa foi importante para elas no sentido do aprendizado, do conhecimento, do compartilhamento e da união, mas que tudo isso não foi suficiente para a manutenção da Cooperativa. Vários foram os fatores que determinaram o encerramento da COCBIX, dentre eles a

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é resultado parcial de uma pesquisa vinculada ao Grupo de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) e financiada pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná. Dessa forma, toda pesquisa em campo encontra-se amparada e aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos.

inexperiência administrativa, a maior transparência entre as envolvidas, a incubação do projeto, uma equipe multidisciplinar do projeto e, talvez o mais importante, a falta de emancipação econômica-política e autonomia para as cooperadas.

**Palavras-chave:** cooperativismo, economia solidária, trabalho, educação, união.

## 1 Introdução

O sistema capitalista na década de 1970 enfrentou dificuldades com a recessão econômica causada, entre outros fatores, pela crise do petróleo, o que provocou importantes transformações, principalmente no que tange ao mercado de trabalho. As empresas buscaram, de maneira mais forte, em consonância aos princípios capitalistas, uma diminuição dos custos de produção e o aumento da lucratividade. Isso trouxe também importantes mudanças na relação entre empregadores e empregados, criando a possibilidade de ação de novos agentes, sejam no âmbito individual como no âmbito coletivo (Bertucci & Alves, 2003).

Aparecem, assim, novas formas de organização no mundo do trabalho, criando a possibilidade dos trabalhadores encontrarem alternativas através de novas e diferentes formas de geração de renda. Isso significa dizer que nas áreas rurais e urbanas as experiências coletivas de trabalho e produção vêm crescendo, através da formação de cooperativas de produção e consumo, de redes de produção, do consumo e comercialização (Scholz, 2009). Isso também gerou a constituição de instituições financeiras voltadas para os empreendimentos populares e solidários, a criação de empresas de autogestão, e as associações de produtores, entre outras formas de organização e gestão do próprio trabalho por parte dos trabalhadores.

Assim, a Economia Solidária começou a se constituir fortemente a partir de década de 1980 e foi consolidando-se na década de 1990. Configurou-se, como alternativa para a geração de trabalho e renda diferenciada, dentro do sistema capitalista, principalmente pelo fato de se comprometer com processos mais participativos e democráticos, inclusivos e sustentáveis. Dentre as iniciativas solidárias, observa-se a presença ativa das mulheres. Talvez em parte, como diz Touraine (2010), pelo fato de que as mulheres, diferentemente dos homens, colocam a sua vida privada no mesmo patamar de importância da sua vida pública, como acontece em relação ao trabalho.

Mulheres e homens não se opõem diretamente, mas também não seguem caminhos convergentes. [...] para as mulheres, os problemas privados devem ocupar o centro da vida pública [...] onde vida privada e vida pública se misturam. [...] Ainda que o mundo continue ensurdecido pelos gritos, pelas ordens e discursos proferidos pelos homens, cada vez mais descobrimos que as mulheres já se apossaram da palavra, mesmo que os homens continuem detendo o dinheiro e o poder. (Touraine, 2010, p.84-85).

Soma-se aqui o fato de existirem princípios importantes na Economia Solidária que fortalecem estas preocupações de unir vida privada e pública, como são os princípios da justiça social, a solidariedade e equidade. Além disto, historicamente, as mulheres vivem em seu cotidiano situações de subalternidade, discriminação, e silenciamento no dia a dia, o que poderia, em parte, permitir compreender as diferentes lutas e participações que as mulheres têm tido. Diante disso, os princípios dos empreendimentos solidários podem atrair as mulheres, seja devido ao caráter mais informal de horários e atividades de trabalho, seja pela busca da justiça social e participação democrática que têm sido comuns na vida cotidiana de lutas feministas.

Foi dentro deste contexto de alternativa de trabalho que foi constituída a COCBIX<sup>2</sup> – Cooperativa de Costureiras do Bairro Industrial do Xarquinho, estabelecida em Guarapuava, Paraná. A Associação de Moradores do Bairro Industrial Xarquinho – AMBIX, fundada em 1997 - criou a Cooperativa de Costureiras no bairro Xarquinho, considerado como um bairro de periferia e que enfrenta muitos problemas. Essa cooperativa foi constituída formalmente em 2010, iniciando com 23 mulheres e tendo como proposta buscar a melhoria das condições de vida de seus participantes. O Bairro do Xarquinho apresenta um nível baixo de desenvolvimento socioeconômico, expressado por pouca escolaridade dos seus moradores e nível de renda baixo, visto que a maioria da população trabalha na informalidade ou em subempregos (Horst, 2009).

A Cooperativa foi formada com a intenção de proporcionar emprego e renda para as moradoras do Bairro Industrial Xarquinho e recebeu ajuda implementada pela parceria com a Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) e do apoio do governo do Paraná/Brasil (Projeto Sem Fronteira), que se tornam necessários para o seu desenvolvimento (Dalla Vecchia, 2011).

Mesmo com este apoio recebido da equipe do Projeto Sem Fronteiras, as atividades da Cooperativa se encerraram em 2012, três anos após o seu início. Diante dessa curta existência, de uma cooperativa constituída exclusivamente por mulheres, levantaram-se questionamentos sobre as razões desse curto processo. Isso contribui para a seguinte indagação, que está embasa a presente investigação: “Quais são os significados da COCBIX e seu encerramento para as mulheres ex-cooperadas?” A justificativa para a realização deste projeto de investigação fundamenta-se na importância de compreender essa nova alternativa de trabalho, o cooperativismo, no âmbito da Economia Solidária. Singer (2002) enfatiza que muitas cooperativas foram formadas por homens e mulheres, muitas vezes com dificuldades de se inserirem no mercado de trabalho, seja por falta de vagas, seja por baixa qualificação profissional e/ou educacional. As Cooperativas, sob a égide da Economia Social, trouxeram novas perspectivas e novas oportunidades, devido às características de cooperação, autogestão, dimensão econômica e solidariedade.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa é sobre as ex-cooperadas, ou seja, busca-se investigar a trajetória laboral e de vida de mulheres que fizeram parte da COCBIX. E os objetivos específicos são: caracterizar o perfil sócio - econômico das ex-cooperadas; verificar os motivos para entrada, permanência e saída da Cooperativa das ex-cooperadas; descrever as percepções das ex-cooperadas em relação ao trabalho cooperativo, à educação e à comunidade.

## **2 Caminhos Metodológicos**

O caminho metodológico adotado neste estudo se apoia em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, realizada em campo. Investigou-se a opinião das mulheres cooperadas antes, durante e após sua participação na Cooperativa, seja em seu percurso integral ou parcial, buscando-se identificar dimensões que marcaram essa história pessoal e grupal. O caminho da pesquisa enfocou as atividades laborais desempenhadas pelas mulheres durante a sua participação na cooperativa, destacando-se as mudanças sociais, econômicas e educacionais, as atividades profissionais, as marcas, rupturas e conquistas vivenciadas durante a existência da cooperativa, os cargos assumidos e as relações entre elas.

---

<sup>2</sup> O histórico mais detalhado da COCBIX encontra-se em: Mattos, Sandra Mara Matuisk. Dimensões educativas e psicossociais da participação de uma cooperativa em Guarapuava-PR: trajetória laboral de ex-cooperadas / Sandra Mara Matuisk Mattos – Curitiba, 2013. 167 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, 2013.

## *2.1 Instrumentos de Coleta*

Para esta pesquisa foram selecionadas seis mulheres, e o critério de escolha baseou-se, nas mulheres que passaram mais tempo trabalhando na Cooperativa.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, envolvendo 28 questões abertas, com as ex-cooperadas da COCBIX, em julho de 2013, com seis das 23 mulheres que começaram a Cooperativa. O local de realização foi na casa de cada uma delas. O roteiro de entrevista contemplou questões socioeconômicas e sobre as percepções sentidas e vividas pelas excooperadas antes, durante e após a COCBIX. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

De acordo com este Termo, as ex-cooperadas concordaram em participar desta coleta dos dados, com a posterior publicação e divulgação, desde que garantidos o sigilo, o anonimato e a confidencialidade de suas informações. As entrevistas com as ex-cooperadas foram marcadas previamente, algumas por telefone, e outras foram realizadas pessoalmente na casa delas, no mesmo bairro em que a Cooperativa estava sediada. As seis entrevistadas foram muito acolhedoras e se mostraram dispostas a falar sem preocupação alguma com o tempo (a duração em média das entrevistas foi de 70 minutos, uma delas falou por quase duas horas) ou com o conteúdo das perguntas, bem como das suas próprias falas. Antes de iniciar a entrevistas (todas foram gravadas, com a permissão delas), foi apresentada uma relação de nome de flores em que elas poderiam escolher uma, e que esta flor representaria o seu nome na pesquisa.

Em fevereiro de 2013 foram colhidas informações com duas participantes do Projeto Sem Fronteiras, por meio de um roteiro semiestruturado, com cinco questões, ambas professoras da UNICENTRO. As Professoras foram convidadas a participarem da pesquisa, ao que concordaram prontamente e a entrevista aconteceu na UNICENTRO. As duas entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Com o intuito de manter a confidencialidade das informações e do anonimato, e seguindo o padrão de dar nome de flores às entrevistadas, as duas entrevistadas serão a partir de agora denominadas de Margarida e Angélica.

## *2.2 Procedimentos Adotados*

O projeto de pesquisa deste trabalho foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNICENTRO – COMEP, sendo aprovado em 18 de junho de 2013. Posteriormente a isto se iniciaram os contatos com as ex-cooperadas, e as entrevistas efetivamente ocorreram em julho.

As participantes da pesquisa receberam informações sobre os propósitos e procedimentos da pesquisa e, a partir da sua anuência em participar, foram convidadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando com uma cópia do documento. Elas também foram informadas que tinham direito de recusar a participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma consequência. Também foi solicitada a autorização para que a entrevista fosse gravada em áudio. O roteiro da entrevista envolveu os seguintes tópicos: a) Perspectivas antes do ingresso na Cooperativa; b) Perspectivas durante a participação na Cooperativa; e c) Perspectivas após o término da Cooperativa.

Após a realização das entrevistas com as ex-cooperadas, as informações foram organizadas de acordo com os seguintes eixos temáticos: perfil das entrevistadas, trajetória de vida, vida familiar e pessoal, interações com as outras mulheres cooperadas, participação dentro da cooperativa e trajetória de vida pós COCBIX.

## **3 Trajetória laboral e de vida de mulheres que fizeram parte da COCBIX**

Das 23 mulheres que iniciaram na Cooperativa, foram até o final apenas três mulheres, ou seja, até o seu encerramento, em março de 2012. Durante todo o percurso da COCBIX desde a ideia inicial, os cursos, a sua legalidade e funcionamento efetivo, muitas mulheres foram saindo e em menor proporção outras entraram; iniciou-se com 23, depois foram quinze, dez, sete, quatro e, por fim, apenas três mulheres. Assim, a Cooperativa funcionou por três anos.

A Cooperativa inicia suas atividades com o apoio do Projeto Sem Fronteiras, desde dezembro de 2008 até fevereiro de 2010. O projeto teve início após a demanda feita pela Associação de Moradores do Bairro Industrial do Xarquinho, com a intenção de promover emprego e renda às costureiras do bairro. No ano de 2009 foram realizados cursos de capacitação para as cooperadas e a constituição legal da Cooperativa. Em 2010, a Cooperativa recebeu as máquinas em regime de comodato e iniciou-se a produção. O Projeto foi prorrogado de março de 2010 a fevereiro de 2011. Durante o período de fevereiro de 2011 a março de 2012 as cooperadas trabalharam efetivamente sozinhas, o Projeto já havia se encerrado, mas de maneira informal a equipe continuava dando suporte, até aos poucos diminuírem as visitas e o apoio até não terem mais contato nenhum com as cooperadas.

Metade das 23 mulheres que iniciaram na Cooperativa não sabia nada sobre costura, então fizeram um curso ofertado pelo SENAI de seis meses para aprender a costurar. Depois do curso, elas foram para o local destinado a COCBIX, que foi cedido por um empresário local, em regime de comodato por dois anos, sem custo de aluguel, água e luz. Como eram muitas mulheres, não haviam máquinas suficientes para todas. Por isso, neste período de adaptação, algumas desistiram por falta de máquinas individuais e também porque não tinham ainda muita habilidade com a costura.

### *3.1 Perfil das entrevistadas*

A primeira entrevistada foi a ACÁCIA, de 58 anos, com ensino médio completo, casada, com dois filhos e renda familiar de R\$ 2.200,00 mensais. Mora no bairro há mais de vinte anos e ficou na Cooperativa por dois anos. Sua vida profissional antes de entrar na Cooperativa era com costura e fazia principalmente uniforme escolar. Hoje continua costurando e frequenta a academia três vezes por semana. Participa de atividades promovidas tanto pela Igreja Católica quanto da Associação de Moradores do Bairro – AMBIX. Também participa nas atividades com a Terceira Idade no bairro e com o programa desenvolvido pela UNICENTRO, denominado UNATI - Universidade Aberta à Terceira Idade.

A segunda entrevistada foi a VIOLETA, 57 anos, casada, com dois filhos, tem o ensino fundamental incompleto, com renda familiar de R\$ 1.300,00 mensais. Mora no bairro há 30 anos e trabalhou na Cooperativa por quatro meses. Anteriormente à Cooperativa, trabalhava com vendas, vendia roupas, joias, perfumes e trabalhou como doméstica também. Sabia costurar, fez curso de costura ofertado pela Prefeitura muito antes de entrar para a Cooperativa. Hoje continua no mesmo ramo, vendendo e costurando.

A terceira ex-cooperada entrevistada foi a CAMÉLIA, 38 anos, casada, tem uma filha adolescente, ensino fundamental completo e sua renda familiar é de R\$ 1.300,00 ao mês. Mora no bairro há 5 anos e atuou na Cooperativa desde o início até o seu fechamento. Antes de entrar na Cooperativa já trabalhava com costura, fazia uniformes. Continua na costura, fazendo uniforme escolar, trabalha para algumas empresas. Às vezes terceiriza o trabalho, passando alguns serviços para algumas costureiras do bairro.

A quarta entrevista foi com a ORQUÍDEA, 60 anos, fez até a quinta série do ensino fundamental, tem uma renda familiar de R\$ 1.300,00 ao mês. Reside no bairro há 28 anos e ficou na

Cooperativa por um ano e meio. Trabalhava em casa, fazendo crochê para vender. Veio de Cascavel para Guarapuava e aprendeu costura com a mãe, já falecida, antes de entrar na Cooperativa. Hoje só cuida de casa, por ter uma saúde delicada. Fez cirurgia de tireoide em junho. Casou com um viúvo que era pai de 4 crianças, o mais velho de 12 anos e o menor de 3 anos. Estão há trinta anos juntos e tem netos e bisnetos.

A quinta entrevista foi feita com a PETÚNIA, 54 anos, tem o ensino médio completo, com renda familiar de R\$ 650,00 ao mês. Mora no bairro há 29 anos e participou da Cooperativa desde a sua concepção, saindo quinze dias antes do fechamento de suas portas. É casada, tem oito filhos, sendo seis mulheres todas casadas e dois filhos que são solteiros, um mora em Curitiba e o outro mora com ela e o marido. Antes de ingressar na Cooperativa trabalhava no campo, com colheita. Sabia costurar apenas o básico, mas não dava muita importância para tal atividade. Hoje trabalha ajudando o marido, que é pedreiro. Faz todo tipo de serviço em obra como massa, concreto, ajuda a fazer chapisco, assenta tijolo e ajuda a cobrir casas. Fez parte da Associação de Bairro, era do Conselho Fiscal. Também faz um curso oferecido pelo SENAI, no qual aprende sobre questões básicas de computação.

A sexta e última entrevistada foi a JASMIN, 37 anos, tem o ensino médio completo, é casada e tem três filhos e um neto. A renda familiar é de R\$ 1.200,00 ao mês; mora no bairro há 15 anos, e participou da Cooperativa desde o seu início, saindo um pouco antes de a mesma fechar. Anteriormente à Cooperativa era vendedora autônoma. Sabia costurar, trabalhava só em casa, embora —para fora, além de trabalhar com vendas, vendendo roupas vindas de fora da cidade. Agora trabalha em uma malharia na cidade há mais de um ano e meio, fazendo costura.

Os resultados das entrevistadas proporcionaram a formação de categorias que facilitam a análise. Foram estabelecidas treze categorias que têm como proposta buscar o entendimento sobre a problemática levantada nesta pesquisa: “quais foram os fatores que determinaram o fechamento da COCBIX?”, bem como atingir o objetivo proposto que é fazer um estudo sobre as ex-cooperadas, ou seja, busca-se investigar a trajetória ocupacional de mulheres que fizeram parte da COCBIX.

### *3.2 Ingresso e Motivos para entrar na Cooperativa*

As entrevistadas acharam interessante a proposta feita pela Associação de Moradores do Bairro – AMBIX em conjunto com a equipe do Projeto Sem Fronteiras para fundarem uma Cooperativa de costura, apesar de nada saberem de cooperativismo e de algumas não saberem costurar. O que motivou esta parceria foi a possibilidade de gerar renda e trabalho para as mulheres do bairro, visto que algumas já trabalhavam com costura. A Acácia, a Petúnia e a Violeta sempre estão envolvidas nas atividades do bairro, e quando a Associação de Moradores as convidou para uma reunião elas aceitaram participar e aderiram ao Projeto; mas na hora de formalizar a Cooperativa, poucas aderiram à proposta: somente vinte e três mulheres, que não sabiam costurar em máquinas industriais.

Das entrevistadas, apenas uma delas, Petúnia, não sabia costurar, apesar de ter uma máquina de costura em casa, utilizando-a apenas para pequenos reparos em roupas dos familiares. A outra entrevistada, Camélia<sup>3</sup>, auxiliou diretamente no processo de formação da Cooperativa, e ficou até o seu fechamento.

[...] daí quando foi a primeira reunião que a Margarida veio fazê, o Narciso que era o presidente de bairro me convidou a participar da reunião como ouvinte, daí me interessei. (Petúnia).

---

<sup>3</sup> As falas transcritas são exatamente iguais à transcrição independentemente do atendimento às normas semânticas e sintáticas.

Quando eu vim morar no Xarquinho tinha bastante costureira, era aquela briga por duas escolas prá fazê o uniforme, então tinha muita costureira, aí que nós fomos nos juntando e foi ideia do presidente da Associação, o Narciso na época, me procurou e porque não se juntá porque tem um projeto assim na UNICENTRO daí nós fomos e corremo atrás, até fui eu e ele prá UNICENTRO procurando a Professora Margarida e demos início na Cooperativa aí né. Eles fizeram aquelas reunião, aqueles encontros – teve toda aquela formação. (Camélia)

Daí nós fomo, eu fui convidada né, prá fazer o curso, daí entremo trabalha. (Orquídea)  
Fomo chamada na Associação de Moradores prá uma reunião, sobre um Projeto. (Jasmin).

Esta concordância das mulheres em participarem da COCBIX está ligada ao interesse de participarem em algum tipo de projeto social ou comunitário, seja da Igreja, seja da Associação de Moradores ou de algum órgão público, principalmente aqueles promovidos pela Prefeitura de Guarapuava. Participam ativamente de atividades desenvolvidas na e para a comunidade, como é o caso da Petúnia, que já fez parte do Conselho Fiscal da AMBIX.

As entrevistadas foram convidadas pela Associação de Moradores do Bairro a participarem da formação da Cooperativa. Elas não tinham ideia de como era uma cooperativa e muito menos como funcionava, como pode ser percebido pela fala da Acácia: *“a gente sabia o que era uma empresa, mas não uma Cooperativa.”*.

Não, nem fazia ideia. Daí nós fomo, eu fui convidada né, prá fazer o curso, daí entremo trabalha. Mais eu não tinha ideia, só ouvia falar, mas não tinha ideia nenhuma. (Orquídea)

Não, não sabia. Comecei desde o começo. (Violeta)

Não, não tinha. Assim a gente na verdade não tinha noção do que era uma Cooperativa com que funcionava lá dentro, não sabia. (Jasmin)

No primeiro momento, acharam interessante a proposta por ser uma possibilidade de terem um emprego, uma renda, uma ocupação, trabalharem unidas. Nada sabiam de cooperativismo, e por este motivo a equipe do Projeto Sem Fronteiras ministrou um curso sobre cooperativismo.

Não, aí eu não sabia foi tudo pelo Projeto, foi treinada, a gente tinha uma ideia que assim né, a gente trabalha unida era melhor, se juntar a força e a concorrência. (Camélia)

Não, eu achava assim que ser cooperada era sei mais uma comunidade né, tipo uma comunidade né, que as pessoas iam se ajudando um ao outro, não sabia assim direito o que era isso o que existia lá dentro. (Petúnia)

Depois que fizeram o curso as entrevistadas aprenderam que o sistema cooperativista representa outra forma de trabalho, uma alternativa diferente do sistema capitalista, pois apresenta certas características que o diferenciam. Por exemplo, tudo é feito democraticamente, baseado em valores éticos, a autogestão é praticada, há igualdade de direitos e deveres, cada associado é um voto. Esta igualdade de direitos e deveres é percebida pela Petúnia: *“porque eu acho que uma Cooperativa todo mundo tem que trabalhá igual, de igual prá igual, não tem escolha né [...]”* e corroborada pela Camélia: *“sim, essa parte eu conhecia bem, assim todo mundo era de igual prá igual”*.

O cooperativismo procura atender aos interesses e necessidades de um determinado grupo e não apenas a busca de lucro. Como é um sistema de formação coletiva, o cooperativismo se



apresenta como uma alternativa socioeconômica equilibrada, pois promove a justiça entre os associados. Mesmo que o Cooperativismo já estivesse estabelecido na sociedade há muito tempo (desde o séc. XIX), muitos não conhecem o seu sistema de funcionamento, como se percebe na fala da Orquídea: “quando eu entrei e daí que eles deram este curso prá nós, nós sabia que tudo ali, nada era de ninguém, era de todo mundo, só que não funcionava assim”. Elas tiveram um curso específico sobre cooperativismo.

Dentro do cooperativismo existem dois termos que parecem sinônimos, mas não são, embora se complementem; estes termos fortalecem os motivos de as pessoas se associarem nas Cooperativas, quais sejam: cooperar e cooperação. O primeiro consiste na união de pessoas para o enfrentamento de situações adversas, no intuito de transformar estas situações em oportunidades e bem-estar social e econômico aos cooperados; e o segundo é um método de ação no qual sujeitos com interesses comuns se juntam e formam uma Cooperativa (Frantz, 2012).

### *3.3 Motivos para saída das cooperadas e término da Cooperativa*

De acordo com as entrevistadas, as demais cooperadas foram saindo aos poucos da Cooperativa. Não souberam precisar os reais motivos de saída das colegas, embora tenham elencado alguns possíveis motivos: falta de pagamento pelo serviço; falta de habilidade para a costura, mesmo após o curso de costura oferecido por seis meses pelo SENAI. A Camélia aponta, ainda, problemas de ordem pessoal, filhos, marido, casa, e dificuldade em equilibrar sua vida pessoal com a vida na Cooperativa.

Por causa do problema de finança trabalhava, trabalhava e não num ganhava nada. Quem que qué trabalha de graça prá elas lá? Trabalha, trabalha e costura né... nunca aparecia o dinheiro! (Acácia)

Pois olha... tinham outras que diziam, diziam olha não vou vir mais, mais e pronto e acabou, não se explicava. O motivo delas deveria ter mais, não posso te dizer. (Orquídea)

Das seis entrevistadas, cinco afirmaram que saíram da Cooperativa por não terem recebido pelo trabalho que realizaram, e também por falta de transparência em relação às receitas e às despesas. Comentaram que muitas reuniões eram maquiadas, ou seja, quando a equipe do Projeto estava presente eram discutidos alguns assuntos, não todos e nem os mais importantes, e muitas vezes as cooperadas eram “pressionadas” pela diretoria a não falarem sobre os problemas e situações que ocorriam no dia a dia da Cooperativa. Segundo a Violeta: “Eu não recebi nada, eu paguei prá trabalhá.”.

[...] era tanta coisa a primeira, a primeira coisa que eu brigava, d’eu trabalha bastante e chegá no dia de recebe não tinha o que recebe. Não tinha o que recebê! (Acácia)

A Jasmin também afirma que muitas vezes elas contribuíram na cooperativa com dinheiro próprio: “que nem diz às vezes a gente tira do da gente, da casa né, prá levá lá e não vê resultado nenhum, daí eu saí.”.

Estes problemas referentes à entrada e à saída dos recursos financeiros provocavam muitos dissabores. Se todas eram cooperadas, tinham direitos e obrigações iguais, por que as informações não eram divididas com todas? Cinco das entrevistadas chegaram a afirmar que somente as despesas eram compartilhadas, e não as receitas. A fala da Jasmin confirma que as despesas

realmente eram compartilhadas: “*pra pagá sempre aparecia assim, tinha que pagá telefone, que tinha que pagá internet, que tinha pagá o contador [...].*”

[...] entro tanto no caixa venha vê, no final ela dava o livro caixa prá nós, mais nunca tava o que... só tinha despesa, era um livro de despesa, num era um livro de faturamento do mês. O faturamento era registrado no computador, na chave lá. Você entendeu? Tudo fazia pra escondê, faziam tudo prá esconde. (Petúnia)

Dessa forma, quando havia reunião das cooperadas com a equipe do Projeto Sem Fronteiras, elas queriam discutir estes assuntos financeiros para que fossem resolvidos, mas a presidente e a vice-presidente pressionavam as cooperadas que mostravam descontentamento da situação, para que não evidenciassem os problemas.

Porque na reunião falavam alguma coisa e depois na prática era outra. Não, a gente nunca entendia onde que tava o certo, onde que tava o errado. Tinha reuniões lá na UNICENTRO, vinham prá fazê reunião, elas vinham acho que todo mês elas vinham, a cada 15 dias vinha fazê, tinha uns Professor que vinha, a Professora Margarida, e ela sempre vinha, ela sempre tava com nós. (Orquídea)

Uma delas afirmou ter saído por não existirem mais costureiras para atender os clientes. Também disse que o grupo não estava preparado e maduro o suficiente para exercer tais atividades: “*então falta de preparação mesmo nossa ali que acabou.*” (Camélia)

Com a saída de várias cooperadas, a produção ficou comprometida, ou seja, a demanda era grande, mas não tinham como produzir e muito menos aceitar novos pedidos. Além de todos os aspectos apresentados anteriormente sobre os motivos que levaram as mulheres a deixarem a Cooperativa, surge uma nova preocupação, salientada pela Petúnia: a questão do espaço ocupado pela COCBIX, que foi cedido em regime de comodato por dois anos e que já estava se encerrando - para onde a Cooperativa iria?

E fui até o final, 15 dias antes de fecharem de darem o xeque mate. E eu acho que ia virá bagunça, e também não tinha sede, a sede ali não era apropriada prá fazê uma Cooperativa. (Petúnia)

Muitos foram os motivos que levaram as ex-cooperadas a saírem aos poucos da COCBIX, segundo a visão delas, como a falta de pagamento pelos serviços realizados; a falta de transparência quanto ao financeiro por parte da diretoria; a falta de uma administração profissional para conduzir a Cooperativa; e um lugar para o estabelecimento da Cooperativa. Na opinião das professoras do Projeto Sem Fronteiras, a saída das mulheres da cooperativa deu-se em função de problemas de relacionamento entre elas, da falta de um projeto mais longo, com uma incubadora do projeto. Assim, elas teriam mais tempo de acompanhamento, e talvez a Cooperativa tivesse se desenvolvido melhor e quem sabe ainda hoje estaria funcionando.

Os princípios cooperativistas e a sua filosofia não foram absorvidos pelas cooperadas; a administração da Cooperativa não era profissional e a falta de informações da diretoria para as demais cooperadas, segundo as cinco entrevistadas, acabou por deixá-las desacreditadas do sistema cooperativista. Estas colocações podem ser observadas pela fala da Orquídea e Acácia:

Que nem eu te disse uma pessoa mais preparada podia até ter dado certo, porque o maquinário tinha, serviço tinha, vontade de trabalha tinha, faltou alguém experiente.

Não adianta você sabê e fazê a coisa e não tem quem administrá, que nem uma firma, não adianta ter bom funcionário se não tive uma administração bem feita né, certa. (Orquídea)

Tinha que ser uma pessoa que entendesse né, e que tivesse uma pessoa assim que trabalhasse assim no negócio. (Acácia)

Outro problema apontado por quatro das entrevistadas era a falta de transparência por parte da diretoria em questões concernentes aos recebimentos financeiros que não eram de conhecimento de todas. Relataram situações em que houve recebimento, mas que estes recebimentos não eram anotados corretamente no livro caixa. Elas tinham um livro caixa no qual deveriam ser anotadas todas as entradas e saídas de dinheiro, ou seja, as receitas e as despesas, mas que estas anotações não refletiam a realidade do dia a dia da COCBIX. Percebiam que algumas vezes eram anotadas as saídas (despesas), mas não eram registradas as entradas (receitas). E que toda a movimentação (entradas e saídas) era anotada de forma correta apenas no computador, e que estas atitudes geraram muitos conflitos, desconfianças, rompimentos e saída das cooperadas.

[...] elas tiravam xerox e a gente não via entra né, porque eu sempre ia correndo no livro caixa quando vinha, e vinha bastante xerox prá xerocar, tipo de gente de fora né, a gente ia lá né, as veiz era 10 centavos e tava marcado 5. Então era sonegação era, tava sonegando coisa lá dentro. (Petúnia)

Eu cansei de pegar o livro caixa, cansei de pegar e via a coisa errada – desde o começo ali mais fizemo bazar, dinheiro que não apareceu! (Acácia)

De acordo com cinco das entrevistadas, as duas cooperadas que exerceram os cargos de presidente e vice-presidente (também responsável pelo financeiro), não estavam preparadas para assumirem estas funções, por falta de conhecimento. Há de ser levado em conta o fato de que eram apenas costureiras e não empresárias, tampouco administradoras.

Que nem eu te disse uma pessoa mais preparada podia até ter dado certo, porque o maquinário tinha, serviço tinha, vontade de trabalha tinha, faltou alguém experiente. (Jasmin)

[...] mais ela nunca foi uma presidente, uma coisa né, é tocá um grupo de mulher ali né, uma firma né, é difícil tem que ter, ser preparada prá isso né, então que fosse então uma pessoa preparada poderia então até ido prá frente, né? (Orquídea)

As contas nunca fechavam nunca fechô, sempre a menos, eu não sei o que acontecia na hora de administrá as partes que sempre tinham um que lá que a gente não conseguia tira tudo. (Petúnia)

De todo o material analisado por meio das entrevistas, evidencia-se a pouca familiaridade das ex-cooperadas com o sistema cooperativista, mesmo com o curso que fizeram sobre cooperativismo e com a vivência na Cooperativa. Percebe-se que elas aceitaram este desafio mais no sentido de ser uma empresa, onde se trabalha oito horas por dia e recebe-se salário ao final do mês, mas não esperavam que o contrário acontecesse: trabalharam como numa empresa, mas não receberam como um trabalhador.

## 4 Princípios do cooperativismo: educação, formação e informação, e interesse pela comunidade

### 4.1 Relações com a Educação

O cooperativismo está pautado em sete princípios, que são as linhas orientadoras, por meio das quais as cooperativas levam os seus valores à prática cotidiana. Estes princípios foram aprovados na Inglaterra, em 1844, pelos fundadores da primeira cooperativa do mundo, e foram alterados em 1995 pela Aliança Cooperativista Internacional.

O quinto princípio trata da “Educação, formação e informação”, em que as cooperativas buscam promover a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Além de informar ao público em geral sobre a natureza e as vantagens da cooperação, tal princípio fundamenta-se em uma educação formal e não formal.

Segundo Gadotti (2005), a educação formal apresenta objetivos específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Tem por base uma diretriz educacional centralizada, como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos Ministérios da Educação. Os objetivos que norteiam a educação formal relacionam-se com o ensino e a aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, buscando a formação do indivíduo como um cidadão ativo, procurando desenvolver habilidades, competências várias, criatividade, percepção e motricidade.

E, de acordo com Gohn (2006), a educação não formal pode ser caracterizada como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino. A educação não formal também se caracteriza por ser menos hierárquica e ter menos burocracia. As atividades desenvolvidas na educação não formal muitas vezes não seguem um padrão sequencial ou hierárquico de progressão, sua duração é variável e emitem certificados de aprendizagem ou não. Também não estão sujeitos a leis específicas como a educação formal.

O Projeto Sem Fronteiras ofereceu vários cursos às cooperadas, em parceria com outras entidades. As cooperadas participaram de cursos de informática, de capacitação para a produção de peças de vestuários e gestão da Cooperativa, para ajudá-las no processo de produção e gestão, alguns em parceria com o Sistema Nacional de Indústria (SENAI) e Serviços de Apoio Brasileiro às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). As cooperadas receberam tanto educação formal, quanto educação não formal. De acordo com as entrevistadas, os cursos foram ministrados por cargas horárias, mas não souberam precisar quantas horas de duração tinham cada curso. “[...] *a gente aprendeu muita coisa, coisa assim né.*” (Violeta)

As cooperadas participaram de palestras e capacitação sobre os princípios do cooperativismo e o trabalho em cooperação, nos quais foram elaborados materiais de apoio e apostilas; também tiveram noções de matemática e português ministrados pela equipe do Projeto. “*Nós fizemos um curso de cooperativismo.*” (Orquídea).

A gente já tinha prática do curso que nois aprendemo no SEBRAE, ah! no SENAI ah! É tudo a mesma coisa. Nós tivemos aula com os professores lá na UNICENTRO, foi muito bom, quis muito bem elas, nossa! E no curso de informática também, eu já gostei, gostei muito de lá. (Acácia)

A entrada das mulheres na Cooperativa, além de proporcionar uma educação formal e não formal, possibilitou-as uma melhora em seu nível educacional, e a busca de uma educação formal. Foi o que aconteceu com duas das ex-cooperadas que, durante e após a COCBIX, continuaram seus estudos.

Petúnia: daí eu estudava na Primavera ali, fiz o CEBEJA ali, mais quando eu terminei depois de 2010, que eu terminei minhas horas de aula lá, aí quando ficava até 10h15min da noite. (Petúnia)

Daí da uma até cinco e meia, que daí eu vinha pra ir prá escola né, todos os dias de segunda a sexta, durante todo esse tempo. (Jasmin)

No caso da Petúnia, ela fez o primeiro grau e iniciou o ensino médio durante o período em que esteve na Cooperativa. Hoje continua fazendo cursos (computação) e sempre diz estar em busca de melhorar sua qualificação e educação. Acalenta um sonho de um dia ser advogada, diz gostar de ajudar as pessoas.

#### 4.2 Relações com a Comunidade

Este tópico, relações com a comunidade, fundamenta-se no 7º Princípio Cooperativista - Interesse pela Comunidade. Neste princípio, as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades e do seu bairro, por meio de atitudes, como políticas, projetos, associações, entre outros e todos aprovados pelos membros participantes.

A relação estabelecida das cooperadas com a UNICENTRO, mais precisamente por meio do Projeto Sem Fronteiras, foi estabelecida porque a comunidade buscou esta parceria, essa oportunidade na figura da Associação de Moradores do Bairro Industrial do Xarquinho – AMBIX.

As ex-cooperadas, ao longo das entrevistas, sempre mostraram muita intimidade e interesse com a comunidade, seja participando dela, seja contando com ela para que projetos, programas ou atividades desenvolvidas na e para a comunidade sejam compartilhados com todos, de modo que cada um faça sua parte na comunidade, prestigiando e dando preferência às coisas locais, do Bairro Industrial do Xarquinho. “É importante né, a união das pessoas que nem diz a “união faz a força, né?” (Violeta)

Consideram que a formação de uma Cooperativa ou de uma associação pode e deve influenciar a vida no bairro.

Você pode fazer várias coisas dentro dali da Cooperativa e no final você unir ali, muda totalmente uma comunidade pode trazer muito benefício. (Camélia)

Uma das entrevistadas disse que algumas vezes aparecem oportunidades de melhorar o bairro, mas que na maioria das vezes essas iniciativas externas não têm contrapartida dos moradores. Que no bairro faltam muitas coisas, como foi o caso da abertura de uma farmácia no bairro, algo inédito, mas que tal empreendimento teve curta duração, pois os moradores não prestigiaram a farmácia, ou seja, não compraram nada lá, o que motivou o seu fechamento.

Vem uma farmácia é uma empresa né, ela dura tipo 60 dias e o povo não coopera de comprá, a farmácia vai embora, contanto que nós não temos uma farmácia no bairro, se nós quizé compra em remédio, nós tem que i pro centro, pegá um ônibus e ir pro centro. (Petúnia)

Este tipo de atitude se repete muito no bairro e isto prejudica o seu desenvolvimento. Os moradores precisam ser mais participativos e solidários. Se a COCBIX tivesse mais aceitação e participação da comunidade, talvez a situação pudesse ter sido revertida e a Cooperativa poderia ainda estar em funcionamento.

Todo mundo dizia né, ai eu tô satisfeito que vem uma empresa boa pro nosso bairro né, só espero que dure, porque aqui as coisas não duram no nosso bairro. (Petúnia)

Como a Cooperativa funcionou por um pequeno período de tempo (aproximadamente três anos), pouco impacto causou na comunidade, e mesmo assim algumas entrevistadas evidenciam alguns fatos:

Eles conheciam assim a Cooperativa, mais era um grupo de mulheres, lá dentro trabalhando, não sabiam assim do trabalho. (Camélia)

Então eu acho assim que o bairro que não ajudou muito, quando veio, eles deviam lá incentiva pra subi né, mais não foi isso que aconteceu e então quando caiu foi pior aí foi quase ninguém fala mais, né. (Petúnia)

Das entrevistadas, cinco delas disseram fazer parte da comunidade de alguma forma. As atividades realizadas, em sua grande maioria, são desenvolvidas com a Igreja Católica, com a Pastoral da Criança, Associação de Moradores do Bairro, Terceira Idade e com projetos desenvolvidos pela vice-prefeita de Guarapuava. Pelas entrevistas, percebe-se que as mulheres sempre estiveram muito ligadas entre si e também com a comunidade em que vivem, preocupam-se com o bairro e buscam de alguma forma ajudá-lo a melhorar.

#### **4 Considerações Finais**

Nesta pesquisa foram escolhidas as Cooperativas dentre os Empreendimentos Econômicos Solidários para serem estudadas, mais precisamente a Cooperativa de Costureiras do Bairro Industrial do Xarquinho – COCBIX em Guarapuava no Paraná. Mesmo sem a COCBIX estar formalmente ligada à Economia Solidária, ela se enquadra na Economia Solidária por preencher certas características como a cooperação, a autogestão, a dimensão econômica e a solidariedade.

Percebeu-se a intensa ligação que as entrevistadas mantiveram dentro da Cooperativa, ao constantemente afirmarem a existência da união, do compartilhamento entre elas, tanto do trabalho quanto dos momentos de descanso (quando dividiam o lanche na hora do intervalo). Mencionaram também o fato de gostarem de trabalhar com pessoas, de estarem junto com muitas pessoas. Enfatizaram por diversas vezes a questão do aprendizado, do conhecimento: aprendiam e também ensinavam o que sabiam às outras. Destacaram a importância do trabalho, de terem ocupação, de terem horários a cumprir, de resgatarem a autoestima, de se sentirem importantes, de pertencimento, de ter um referencial — as mulheres da Cooperativa. Foram quase unânimes em afirmar a importância da comunidade, de viver em sociedade, de trabalhar para o coletivo e para o bairro em que moram. Com os cursos, palestras e treinamentos aprenderam muitas coisas, frequentaram lugares diferentes, seja por meio das viagens técnicas, seja na UNICENTRO: “*um sonho realizado, frequentar a Universidade*”.

Com relação à problemática levantada nesta pesquisa - quais são os significados da COCBIX e seu fechamento para as mulheres ex-cooperadas? - foram destacados pontos de conflito, que

culminaram com o encerramento da COCBIX, quais sejam a falta de transparência nas atividades do dia a dia, o desinteresse das ex-cooperadas em participar do processo todo, não somente da produção, além da falta de enfrentamento em relação aos problemas diários e a falta de pagamento pelo serviço executado.

Outro ponto levantado foi o desconhecimento técnico administrativo por parte da diretoria, afinal, as mulheres que compunham a diretoria eram costureiras, nada sabiam de administração, de empreendimento, de finanças, de contabilidade e demais requisitos básicos para dar andamento a uma Cooperativa, mesmo com os cursos e treinamentos recebidos. Eram muitas informações para pouco tempo de aprendizado e sua aplicação. Neste caso específico, a educação cooperativista precisaria ser mais efetiva, com mais cursos e com cargas horárias maiores. O aprendizado precisaria ser contínuo e eficiente.

Para as mulheres que faziam parte da COCBIX, o entendimento sobre cooperativismo estava mais ligado ao coletivo e ao fato de serem “*donas do próprio negócio*”, mas o sistema cooperativista vai, além disto, pois exige todo um conhecimento empresarial, produtivo, administrativo, técnico e financeiro que as mulheres não tinham como absorver neste curto período de tempo. Elas aceitaram participar, porém muito mais no sentido de costurar e não de assumirem funções empresariais que exigiam muito mais do que elas efetivamente poderiam dar.

Verificaram-se as várias ligações das ex-cooperadas com a educação, com a comunidade, com o cooperativismo, umas com as outras, com a equipe do Projeto Sem Fronteiras, com os clientes, com os fornecedores dos materiais utilizados na produção. Todos estes elementos citados são ricos em proporcionar uma nova visão de vida para qualquer pessoa. Como as ex-cooperadas disseram nas entrevistas, o trabalho que elas executavam em conjunto, o dia a dia da Cooperativa, a integração, o conhecimento e o aprendizado foram fundamentais em suas vidas, muitas não tinham passado por uma experiência como esta. Enfim, a Cooperativa proporcionou muitas possibilidades que ficaram além da percepção das ex-cooperadas, como algo imaterial, lúdico. O universo que foi construído neste período de aproximadamente três anos foi muito mais do que elas puderam ou podem perceber.

No sistema cooperativista é fundamental uma educação permanente para os cooperados, garantindo um desenvolvimento integral e cooperativo do quadro de sócios, e a construção de uma capacidade própria para gerar conhecimento e poder, por meio da institucionalização de mecanismos de autocontrole confiáveis e da sistematização de programas de treinamento e capacitação gerencial. Os cooperados precisam ter autoconfiança, que é sustentada permanentemente por meio da educação cooperativa que permite criar e gerir os negócios de modo comunitário e trabalhar sem intermediários. Esta educação também precisa estar voltada para a conscientização dos cooperados nas questões políticas: faz-se necessária uma emancipação político econômica por parte dos cooperados, para melhor entendimento do sistema cooperativista e a sua devida aplicabilidade. A educação proporcionada aos envolvidos em cooperativas precisa capacitá-los para que criem sua própria autonomia, pois somente assim poderão realmente transformar suas vidas.

## Referências

Bertucci, Ademar de Andrade & Alves, Roberto Marinho (Orgs.). (2003). **20 Anos de Economia Popular Solidária: Trajetória da Cáritas Brasileira dos PACs à EPS**. Brasília DF: Gráfica Terra.

Dalla Vecchia, Raquel Virmond Rauen. (2011). Políticas Públicas Indutoras à cooperação para a geração de trabalho e renda: estudo em uma cooperativa de costureiras. In: Marcos de Castro;

Antonio João Hocayen-da-Silva; Giomar Viana. (Org.). **Relações de Cooperação para geração de trabalho e renda**. Bauru, SP: Canal 6 Editora.

Frantz, Walter. (2012). *Associativismo, cooperativismo e economia solidária*. Ijuí – RS: Editora Unijuí.

Gadotti, Moacir. (2005). **A questão da educação formal/não-formal**. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Institut International des droits de l'enfant (IDE). Sion (Suisse), 18 au 22 octobre. <http://www.virtual.ufc.br>. Acessado em 21/07/2013.

Gohn, Maria da Glória. (2006). **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.* [online]. vol.14, n.50, pp. 27-38.

Horts, Joelma Aparecida. (2009). **O comportamento das famílias no processo de consumo de produtos alimentícios sob a influência das crianças a partir da mídia**. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas. UNICENTRO. Guarapuava.

Scholz, Robinson Henrique. (2009). **Uma andorinha não faz verão**: relações de solidariedade promotora da liderança solidária compartilhada. Dissertação. UNISINOS.

Singer, Paul Israel. (2002). **Introdução à economia solidária**. SP: Fundação Perseu Abramo.

Touraine, Alain. (2010). **O mundo das mulheres**. 2 ed. Petrópolis: Vozes.